

Manuel Pedro

Singelas pala-
vras em memó-
ria do colega e
camarada de
tantos anos

MORREU um amigo a quem nos uniam quase laços familiares, pois convivemos juntos a maior parte da nossa existência.

Construir serenamente duas frases acerca da existência de M. Pedro é tarefa difícil para quem viveu, quase diariamente, nas últimas semanas, junto do amigo e o viu sofrer até que a vida se apagou no seu corpo.

Conhecemo-nos muito novos, quase desde a adolescência, e o nosso encontro foi o de duas vidas predestinadas a caminharem juntas.

E, assim, foi no seio da antiga Liga das Artes Gráficas do Porto que começámos a contactar e onde sempre vimos M. Pedro activo, cheio de iniciativas, como fogo aceso na primavera da vida, desempenhando vários cargos com saber e dedicação, tais como: Bibliotecário, Secretário da Direcção e Delegado ao Conselho Interfederal da Federação P. dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, destacando-se sempre em grandeza e persistência.

Pertenceu a numeroso grupo de colegas, que atingia as duas dezenas, obreiro e construtor do advento das oito horas de trabalho na indústria tipográfica do país, sendo, ao que me parece, ele e o autor destas linhas, como operários, o derradeiro elo com o passado.

Colaborador permanente e fecundo de todas as publicações específicas da indústria gráfica, tais como: «Revista Gráfica», do Porto; «El Mercado Poligráfico», de Barcelona; «Gráficas», de Madrid, e ainda outras, deu, em segunda época, toda a sua colaboração a «O Gráfico», órgão da Federação Nacional dos Sindicatos dos Tipógrafos e Litó-

grafos, destacando-se, como mais substancial contribuição cultural para as Artes Gráficas, a sua larga bibliografia, constituída por cerca de sete volumes ilustrados e algumas plaquettes reproduzindo conferências, que, pela sua pequena tiragem, se encontram esgotadas.

— // —

Manuel Pedro era de temperamento voluntarioso e dado a sacrificios, não para proveito próprio, mas em benefício da classe gráfica, que serviu devotadamente, e, assim, foi um dos esforçados componentes de uma equipa de voluntários que durante muitos anos, e até 1930, desenvolveu grande actividade. Sem qualquer remuneração, empunhando o compondor, de acordo com a missão cultural e orientadora do organismo profissional, procedeu à manufactura, nas suas horas de ócio, e de noite, de várias séries da «Revista Gráfica», na pequenina tipografia que a Liga das Artes Gráficas do Porto possuía então.

Eram assim os homens dessa geração que, vivendo no tempo chamado das «Vacas Magras», com a sua vontade, o seu querer, supriam a penúria e a falta de recursos de então, custeando ainda da sua bolsa particular as viagens, refeições e delegacias ao serviço da dignificação da sua classe.

Como se espalhou tanta luz naquele regime de voluntariado! Verdadeiros milagres da vontade!

A prodigiosa fecundidade de Manuel Pedro na imprensa não se limitou à profissão gráfica, como expressão artística e económica da sua vida. Também era dado a devaneios literários e so-

ciais, acarinhando ideais de beleza e de perfectibilidade humana.

E assim é que, por alturas de 1924, expôs, de um modo magistral, a sua fé ideológica, de modo insofismável, num pequeno volume (cerca de oitenta páginas), abrindo com uma mensagem e conselhos a seus filhos M. Pedro, José, Deolinda, Mazantina e Ana Augusta, em que diz:

— «A vós, filhos meus, vos dedico as duas primeiras páginas deste meu pequeno livro».

«Quereis saber qual o meu ideal? Lede com a máxima atenção. É o Ideal da minha simpatia, o Ideal da Beleza, da Perfectibilidade humana, que eu desejaria que vos inspirasse, quando chegardes à idade de raciocinar verdadeiramente, por ser o que mais pureza encerra».

«Sereis bons e perfeitos se desprezardes o jogo e a taberna. Todo o indivíduo que se vicia no álcool não passa de um miserável, dum farrapo humano, e o seu fim quase sempre é triste e horroroso.

«Nunca deixeis de prestar a vossa solidariedade aos companheiros desprotegidos da sorte, aos inválidos, aos velhos e às criancinhas.

«Repudiái o luxo, o luxo espaventoso, porque é ele muitas vezes o causador de certas criaturas praticarem acções pouco honrosas para o poderem sustentar.

«Também nunca vos prontifiqueis a vender a vossa consciência por dinheiro nenhum. Quando qualquer farsante, conhecedor da vossa miséria, vo-lo oferecer para fins criminosos, arremessai-lho à cara.

«Desprezai tudo o que for imoral e abraçai de alma e coração o Trabalho».

— // —

M. Pedro era correcto no trato e sobretudo generoso, tão generoso que perdoava as ingratidões dos que lhe fizeram mal e o abandonaram.

Em todas as suas coisas punha vinca da persistência, mas não escondia o que nele era nato: uma acentuada timidez, sentimento que por vezes o arrasou a pronunciados paradoxos nos seus conceitos, tanto de ordem sentimental, como moral e artística.

Ocasões houve em que as suas teses, os seus teoremas profissionais, postos em letra de forma, não eram a expressão do seu sentir, mas sim a chispa acalentadora do fogo da discussão e agitação dos problemas da arte.

M. Pedro, sendo já uma sombra do passado, um dia, aí por Janeiro deste ano, aproveitando a minha visita, muito simplesmente, como em vulgar conversa de banais assuntos profissionais, chamou os filhos, e ditou algumas determinações insofismáveis quanto ao seu funeral, na previsão de breve desenlace.

O nosso bom amigo já então aceitava o inevitável e ditava a lei reguladora da sua última viagem, como já havia previamente indicado, com o testemunho de vizinhos amigos, o local, o pequenino e humilde recanto da casa que habitava, onde seria colocada a urna com o seu mirrado corpo.

Simplex na vida, Manuel Pedro quis ser simplex também na morte.

E a vontade foi-lhe carinhosamente feita, não sendo de esperar outra coisa dos familiares e amigos, como manifestação de profundo respeito pela sua obra, pela sua memória e pela sua vontade.

Porto, 30-3-1956.

A. TEIXEIRA DE ARAÚJO

Trabalhadores requisitados ao Commissariado do Desemprego

Por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 20 de Setembro de 1955, foi esclarecido que o despacho de 25 de Julho de 1950, que excluiu da previdência os subsidiados do Commissariado do Desemprego, não é aplicável aos trabalhadores requisitados ao mesmo Commissariado, no terceiro ano de requisição, em que a remuneração está totalmente a cargo da entidade patronal.



MANUEL PEDRO

por A. GARIBÁLDI

FOMOS levar até à sua última morada, no cemitério do Prado do Repouso, o corpo frio de Manuel Pedro, que foi um espírito gentilíssimo que se impôs por um somatório de virtudes muito raras no nosso tempo e nesta sociedade.

Era um cavaleiro do ideal, que realizou na vida estes conceitos: foi um cidadão exemplar, um amigo dedicado e excelente, um técnico com pergaminhos de magister, um espírito ávido de curiosidade e de saber e, finalmente, um generoso coração.

Homens destes enchem a vida — e fazem falta à vida.

Como cidadão, pautou sempre a sua conduta de harmonia com a sua consciência; como amigo, era vê-lo dar-se em atenções e dedicação, alma de escol que só soube granjear simpatias e dar muito da sua simpatia envolvente; como artista, todos sabemos que foi um mestre da arte a que se deu, que nobilitou e engrandeceu; como estudioso, temos o testemunho actuante e constante da sua actividade literária, especializada e técnica, que cultivou fecundamente, legando à posteridade os seus vastos conhecimentos de artista probo, de técnico consagrado, conhecimentos que enfeixou em numerosos e valiosos livros que escreveu nas suas horas de folga, tão necessárias ao seu descanso; finalmente, como generoso coração que era, podemos afirmar que poucos o excederam na sua bondade ingénita, de perfumoso sentimentalismo cristão, alma lavada vivendo sob o impulso de ilusões lindas — porque no fundo Manuel Pedro era também um romântico.

Tive eu, tivemos nós, a felicidade de conhecer a grandeza da sua alma de idealista e de lutador — homem que trabalhou quase até aos últimos dias da sua vida, ensinando, lutando, enriquecendo a arte em que era doutor e morrendo pobre.

Vi-o há poucos meses, no passeio das Cardosas, arrastando a sua velhice melancólica, vendo passar o mundo, preso talvez a ideais lindos e longínquos que um dia floriram na sua alma, como aparições quiméricas. Era já uma sombra. Foi o último abraço que lhe dei.

Sombra que amou a vida, que a embelezou, a que se deu como só se sabem dar as almas puras, sonhando... sonhando... sonhando...

Esta sociedade que Manuel Pedro agora deixa não foi, com certeza, aquela que o seu coração boníssimo visionou — visão que fez do seu coração uma pérola perante a vida e perante os homens.

Agora, que ele atirou à terra, para o banquete dos vermes, esse boníssimo coração que vibrou no seu ser, fique-nos a certeza, neste derradeiro adeus que lhe demos, de que se Manuel Pedro deu à vida um coração de pérola — é porque na verdade só assim a vida pode e deve ser vivida, para ser grande, e ser nobre, e ser pura...

INSCREVA-SE NA SUA CAIXA DE PREVIDÊNCIA, TANTO QUANTO POSSIVEL, NA DATA DO SEU PRIMEIRO DESCONTO.



